

A BÍBLIA REFUTA O ESTADO DE ISRAEL

1. Apresentação da conferência

Pelo Ex-Membro do Parlamento do Sul do Líbano, o advogado xiita, Sr. Abdallah GHOTEIMI.

Palestra proferida no Centro Cultural do Sul do Líbano (Beirute) em 21.03.1985.

O profundo conhecimento que tenho da personalidade do padre católico Pierre permite-me resumir a sua apresentação em 2 palavras:

O crente rebelde: ele é um crente em Deus e na missão dos profetas na linha dos primeiros. Ele acredita na Essência que une todas as religiões divinas. Ele acredita na letra quando esta está em conformidade com o Espírito, e agarra-se ao Espírito quando a letra, nos livros inspirados, não lhe corresponde,

Está revoltado contra a riqueza das aparências clericais e a sua aristocracia, porque não se harmoniza com a simplicidade e modéstia de Jesus Cristo.

É um contraste verdadeiramente espantoso e ridículo ver um servo ou um discípulo adornar-se com um luxo desprezado pelo mestre. Este servo permite-se usar as roupas e jóias mais sumptuosas, mais bonitas e mais caras nas próprias horas do seu serviço ao seu mestre. O que se pode então dizer quando este Mestre não é outro senão Jesus, o filho de Maria, que disse: «Vinde a mim, todos vós que estais cansados e eu vos darei descanso, suportai o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vós próprios». Ele era o guia dos ricos que o queriam seguir e disse-lhes: «Vão, vendam o que possuem, dêem-no aos pobres e depois venham e sigam-me: terão um tesouro no Céu».

Ele está revoltado, o nosso orador desta noite, contra os falsos conceitos ensinados por alguns que erradamente se apresentam como a voz de Deus entre os crentes; tal como está revoltado contra as práticas desonestas e enganosas de uma clique de religiosos cujo objectivo é desaprovado pelo Deus Misericordioso e Justo, mesmo quando se trata da cabeça da Igreja no Vaticano..

Ele é um crente que tem a coragem de falar.

Ele deixou a sua coragem irromper no início da sangrenta e amaldiçoada luta confessional que oprime a nossa pátria há anos e que tende a impedir que os justos se revoltem, impondo-lhes um triste silêncio. Mas esta luta atirou para os braços do diabo aqueles que afirmam ser os únicos justos.

Nessa altura, desde o início da luta, sozinho, entre os sacerdotes, o Padre Pedro levantou-se, e não deixa de se levantar para gritar «NÃO» perante os falsos religiosos.

E quando o Divino Mestre que o chama para um combate eficaz, desertou da sua clínica para se juntar às fileiras dos nossos irmãos e filhos dignos: os combatentes contra Israel e os seus agentes neste país..

O primeiro artigo escrito por Pedro foi a 20 de Novembro de 1975, no qual ele denunciou membros do clero que não merecem a honra de carregar a cruz. Este artigo foi publicado pelo jornal «Al Moharrer» sob o título: «Carta Aberta a Kamal Joumblatt» com o subtítulo: «Come, come to the true Cross».

Permitam-me interromper aqui a minha linha de pensamento para apontar algumas coincidências que estão a chamar a atenção:

- O facto de esta conferência - que, tanto quanto sei, é a primeira do género no Líbano - coincide com a comemoração do martírio de Kamal Joumlatt, aquele grande mártir do Calvário libanês martirizado nesta mesma altura em 1977, e a quem o padre Pierre2 endereçou a sua primeira carta
- O facto de esta conferência coincidir com o primeiro dia da Primavera, a época em que florescem os rebentos da nossa Revolução Mística Nacional contra a invasão israelita, e prenuncia a propagação do aroma revigorante da nossa revolta mística para englobar países e nações
- O facto de esta conferência coincidir com o mês em que a invasão israelita começou em 1982 e, em 1985, a sua fuga em desastre do sul do nosso país sob os golpes implacáveis do nosso povo revoltado e vitorioso.
- Que esta conferência coincida, finalmente, com um novo facto político na cena libanesa, nomeadamente a pseudo revolta da Frente Libanesa de Samir Geagea que visa o cumprimento do plano sionista, com o conhecimento ou sem o conhecimento dos seus autores. Podemos apenas notar - quer queiramos quer não - que esta conferência aparece como um aviso para os pró-sionistas deste país.

Vou pegar no fio das minhas ideias para falar sobre os artigos escritos pelo nosso orador. Estes artigos seguiram-se uns aos outros no jornal «Al Moharrer»; os artigos principais foram intitulados «Al Moharrer»:

- «O maronitismo é uma fé, não uma raça» publicado em 25 de Dezembro de 1975
- «Who are the Prophets Today», 12 de Janeiro de 1976
- «O Progressivos, façam progressos», com o subtítulo «A vitória requer união», publicado a 19 de Janeiro de 1976
- «A Besta é Israel» publicado a 21 de Fevereiro de 1976

O último artigo escrito pelo nosso orador foi uma carta aberta ao Papa João Paulo II, denunciando a recepção por parte do Vaticano de Shimon Peres como contrária ao Espírito do Evangelho. Esta carta foi publicada pelo jornal «Al Safir» a 26 de Fevereiro de 1985.

Peter escreveu vários livros para explicar a verdadeira fé e denunciar enganos, para expor Israel e o seu aliado a «Casa Negra», e não a «Casa Branca» de Washington, suposta capital dos Estados Unidos, que na realidade é apenas uma colónia de Israel, como foi tão bem demonstrado por um membro dos Estados Unidos da América, Paul Findley, no seu livro intitulado «They Dussate to Speak». E apesar disso, os líderes dos Estados Unidos continuam a afirmar, com a mais flagrante arrogância, serem os líderes do chamado mundo livre. Triste liberdade, na verdade, como a de um miserável laçao do sionismo.

Através de muito trabalho, o nosso orador conseguiu introduzir a sua mensagem no coração do lobby sionista e fundar centros em alguns países para denunciar o sionismo e destruí-lo com a Torah e o Evangelho, despertando assim a consciência ocidental, uma consciência que foi lavada pelo cérebro dos sionistas com textos bíblicos, textos que certamente não foram inspirados por Deus, como o nosso orador demonstrará.

Dado que Israel esconde as suas ambições territoriais sobre a nossa pátria através de máscaras religiosas e bíblicas, para além das 1000 máscaras políticas que são utilizadas para a segurança e outras medidas, e dado que a realização dos sonhos israelitas sobre o Sul do Líbano é um passo decisivo para a consolidação do Estado bíblico de Israel, decidimos combater Israel com as suas

próprias armas bíblicas, sem sacrificar outros meios de combate, para que a própria Bíblia seja o juiz entre nós e Israel.

Ao fazê-lo, demonstramos que compreendemos profundamente o significado da luta sionista contra nós, e que nos tornámos plenamente conscientes da essência do sionismo e da entidade de Israel.

Podemos então combater Israel forte e armado com o argumento espiritual ao mesmo tempo, e libertar não só nós próprios, mas libertar connosco toda a humanidade do mal deste racismo sionista vicioso e destrutivo.

Daí o tema desta conferência, «A Torá (Bíblia) refuta Israel».

A ti, Peter, para nos contares a Boa Nova.

2. Introdução

Saúdo-vos, meus irmãos, em nome de Deus, o Bom e Misericordioso. Saúdo-vos em nome dos profetas martirizados no passado por terem dito «NÃO» a Israel; os judeus mataram-nos depois como mataram e ainda matam os nossos filhos e filhas, os mártires do Sul do Líbano, sacrificados por terem dito e ainda dizer NÃO a Israel.

Saúdo-vos em nome da palavra profética desencadeada e libertada do Sul do Líbano: «NÃO» a Israel. Pois a profecia de Deus e a Sua palavra na terra hoje é «NÃO a Israel», aquela palavra que fez do Sul do Líbano o santuário da nossa era, a sua gloriosa Cidade Santa e a sua honrada Meca, depois de ter sido baptizada com sangue do Líbano a Saida, Maaraké, Zerayriyah, Rashaya, a Bekaa Ocidental, e outras cidades e aldeias que resistem sangrentamente à ocupação israelita. Este ocupante que massacrou no nosso Sul abençoou as nossas mulheres, crianças e homens que ousaram dizer «NÃO» a Israel em nome de Deus.

Hoje, 21 de Março, é o Dia das Mães. É uma boa ocasião para honrar duas mães que ofereceram dois mártires pela justiça, ou seja, a Virgem Maria e Fátima (Fátima é a filha do Profeta Maomé) ofereceu Jesus e Hussein. Saudai-vos, pois, ó Maria e Fátima, mães dos crentes, e dos mártires crentes em particular.

Permitam-me expressar o meu orgulho e consolo por estar neste salão abençoado, o salão do Sul do Líbano, pois o querido Sul do Líbano levantou a minha cabeça e reforçou o meu orgulho em ser libanês e o meu testemunho contra Israel. Falei do meu consolo em estar nesta sala do Sul do Líbano, e essa palavra foi inspirada pelo meu santo intercessor, o xeque mártir Ragheb Harb. Ouvi esta palavra dele na televisão por ocasião da comemoração do primeiro ano do seu martírio, ele tinha dito, pouco antes de ser martirizado há um ano, que significa: «No Sul do Líbano não há lugar para aqueles que não querem resistir ao ocupante israelita até ao martírio. Pois deste Sul o nosso sangue flui, mas este sangue flui para se tornar um bálsamo que cura muitas feridas e consola muitos corações». Nesse preciso momento senti o consolo encher o meu coração, e esta palavra lembrou-me uma profecia dita pelo profeta Isaías no capítulo 53 do seu livro, cerca de 750 anos antes do martírio de Cristo, e na qual Isaías conta aos judeus que então esperavam - como ainda hoje esperam - por um Messias militar com a garganta cortada à imagem de Ariel Sharon, depois disse-lhes que o Messias que está para vir será gentil e humilde de coração e que os judeus o recusarão e o negarão, que ele provará o sofrimento e a morte às mãos dos judeus, mas que através das suas feridas seremos curados.

E nós, através das feridas, do sangue e do martírio de Ragheb Harb e dos seus semelhantes, levantamos a cabeça e somos curados e o inimigo israelita é aniquilado. Ragheb Harb foi martirizado aos 33 anos de idade, tal como Cristo. Há aí um simbolismo para aqueles que compreendem. E compreendi que o sangue que corre hoje do Sul do Líbano, tal como o sangue que correu ontem na Palestina em Deir Yassin e noutros lugares, é o mesmo sangue que correu no passado no Gólgota em Jerusalém onde Cristo foi crucificado e em «Karbala» onde Nussein foi morto. Assim, quando fui convidado a dar esta palestra numa sala que representa o Sul do Líbano, senti que foi Ragheb

Harb quem me convidou para ir a sua casa em nome de todos os mártires e em nome de Jesus e Hussein. Por isso aceitei com todo o meu coração.

O tema desta conferência é «A Bíblia refuta (denuncia) o Estado de Israel», procurava um título que guiasse a reflexão dos ouvintes: «A Bíblia refuta as ambições de Israel», etc... Mas vi que o título mais preciso é «A Bíblia refuta o Estado de Israel» porque exprime exactamente a minha intenção. A Bíblia refuta efectivamente Israel como Estado político, onde quer que seja e quem quer que seja esse Estado, independentemente das suas ambições, quer o tenha ou não.

Antes de abordar o assunto, penso que é útil explicar o significado da palavra «sionismo» em relação ao «judaísmo». O judaísmo é uma religião monoteísta e uma fé inspirada por Deus. O sionismo, por outro lado, é a decadência do judaísmo e o seu desvio para o materialismo e o racismo mundanos.

A palavra Sionismo é atribuída ao Monte Sião, um dos cinco montes sobre os quais a Velha Jerusalém está construída. O segundo monte importante para os sionistas é o Monte Moreah, no qual Salomão construiu o primeiro Templo no presumível local onde Abraão quis oferecer o seu filho como sacrifício a Deus. Nesta cidade ergue-se hoje a Mesquita de Omar, conhecida como a Mesquita da Rocha, que os sionistas gostariam de ver destruída para erigir o seu Templo no seu lugar.

O rei Salomão tinha construído o seu palácio real no Monte Zion. Gradualmente a atenção dos judeus virou-se do Monte Moreah, onde ficava o Templo, para o Monte Zion, o local do Palácio Real. Este palácio construído no Monte Sião tornou-se o símbolo da sua existência ao ponto de escolherem para si o nome «sionistas», em relação a uma entidade política, um reino mundano e terrestre rejeitado por Deus e pelos seus profetas, como veremos, em vez de escolherem pelo nome, por exemplo, os «moraeanos», em relação ao Monte Moreah sobre o qual o Templo foi construído, uma entidade que simboliza a mensagem espiritual, e não temporal, do judaísmo. Assim, pelo nome que escolheram para si próprios, os sionistas demonstram que politizaram o espiritual e traíram o Pacto Divino.

O objectivo do sionismo hoje em dia é reunir judeus de todo o mundo na Palestina em torno do Rei de Israel, que seriam o Messias sionista ansiosamente esperado pelos judeus para restaurar o Reino Sionista em Israel. A dinastia deste reino deve durar, segundo os judeus, até ao fim dos tempos e dar aos judeus total hegemonia política, económica e militar sobre o mundo. Contudo, o objectivo do judaísmo é diferente, gentil e humilde, e é reunir todos os homens numa única família espiritual, como Jesus explicou.

Os profetas e Jesus recusaram-se então a apoiar o plano sionista e denunciaram corajosamente este plano satânico; foi por isso que os judeus martirizaram os profetas e se recusaram a acreditar que Jesus - que se opôs ao sionismo até à cruz - é o Messias anunciado pelos profetas, Os judeus ainda hoje se recusam a acreditar em Jesus pelas mesmas razões que os seus antepassados acreditaram.

Esta conferência está dividida em 3 partes:

1. Os textos bíblicos que desenham as fronteiras de Israel. Demonstrarei que estes textos, denunciados pelos próprios profetas, foram erradamente introduzidos na Bíblia pelos escribas para justificar o espírito expansionista dos sionistas
2. A recusa de Deus e dos profetas em estabelecer um estado político de Israel
3. A relação entre Israel, o Anticristo e «Gog e Magog»

Vou concluir a minha intervenção revelando o que a Bíblia diz sobre o Líbano, sobre o seu papel na salvação.

3. Os textos sionistas introduzidos erroneamente pelos escribas na Bíblia

Depois desta introdução apresento a minha palestra «A Bíblia refuta Israel». Vou demonstrar que os livros bíblicos do Antigo Testamento denunciam o estado de Israel e refutam os argumentos bíblicos apresentados pelos sionistas a favor de Israel.

Acontecimentos excepcionais, guerras e revoluções, estão a ter lugar no mundo e particularmente no Médio Oriente, desde a emergência do Estado de Israel após a Segunda Guerra Mundial. Este Estado materializou a cobiça reprimida dos judeus durante mais de vinte séculos, e nós, libaneses, depois de termos vivido os nossos irmãos palestinos, continuamos a viver estes acontecimentos na nossa carne e consciência, com uma intensidade nunca igualada.

Com o aparecimento do Estado de Israel, o mundo inteiro está a passar por um julgamento, uma crise de consciência que mede a fé dos homens sem o seu conhecimento. O homem, consciente ou inconscientemente, passa por um exame de consciência que é equivalente a um julgamento. Este julgamento sionista que caiu sobre o mundo inteiro é o julgamento UNIVERSAL de que Jesus falou nos Evangelhos e de que o Apocalipse fala no capítulo 3,10. Este julgamento universal é apresentado para sondar as verdadeiras intenções e boa fé de cada homem neste fim de tempo, antes do regresso final de Jesus como Juiz do mundo.

O mundo está a atravessar crises e o Líbano geme sob o peso de uma pesada cruz por causa do racismo sionista estabelecido na Palestina, num Estado chamado Israel. Israel, que recusa o Espírito de Cristo Jesus e a quem Paulo chama inimigo de Deus, os profetas e os homens, na sua primeira carta aos Tessalonicenses (1 Tessalonicenses 2,14-16), Israel derramou secretamente o seu ódio por todo o mundo, sobre todos os homens e especialmente no Líbano, onde os seus crimes foram cometidos abertamente. Depois de tomarem a Palestina, os sionistas tentaram apropriar-se do Líbano e os israelitas roubaram, roubaram, exilaram e perseguiram pessoas inocentes nos campos de concentração aqui no Líbano. Dois povos sofreram particularmente às mãos de Israel: o palestino e, depois dele, o libanês, com o apoio e bênção do chamado mundo ocidental livre e cristão que armou Israel, tornando-o forte contra nós,

A principal razão do apoio ocidental a Israel é a Bíblia, não o holocausto hitleriano, porque os sionistas ganharam o favor da Europa e especialmente da Inglaterra no início do século XX, antes deste chamado holocausto. E alguns, ainda adormecidos com o materialismo e adormecidos na indiferença, continuam a adormecer como as virgens loucas da parábola e recusam-se a usar a poderosa arma da Bíblia contra Israel quando este usa esta arma contra nós, tanto mais que esta mesma Bíblia nos justifica e condena o Estado de Israel como veremos.

Os sionistas têm jogado com toda a coragem para enganar europeus e americanos. Através da maçonaria judaica, e especialmente da organização judaica do Beato Berith - que significa os Filhos da Aliança - os sionistas conseguiram infiltrar-se nas pousadas maçónicas da Europa e dos Estados Unidos e conquistar os ouvidos e corações dos cristãos ocidentais através de dois argumentos poderosos: a Bíblia e o Holocausto hitleriano.

Os judeus apresentaram-se perante os cristãos ocidentais como cordeiros massacrados pelo nazismo e ganharam assim a simpatia das potências europeias e americanas e o seu apoio contra os árabes quando os árabes eram inocentes dos crimes nazis. Mas o movimento sionista internacional enganou principalmente a consciência cristã no Ocidente - que acredita na Bíblia - através da própria Bíblia.

O sionismo internacional tem trabalhado durante séculos para estabelecer os judeus do mundo na Palestina. Os líderes judeus procuraram a ajuda dos czares da Rússia, dos papas do Vaticano e dos sultões turcos neste esforço, mas os seus esforços estavam condenados ao fracasso. Finalmente, no início do século XX, procuraram o apoio do Império Britânico, e a Bíblia foi o instrumento que utilizaram para convencer os governantes ingleses.

A primeira indicação dos esforços sionistas surgiu na arena política com o acordo Sykes-Picot em 1916, nos termos do qual a Inglaterra e a França decidiram dividir o Médio Oriente entre si no final da Primeira Guerra Mundial. Ao abrigo deste acordo, a França obteve um mandato sobre a Síria e o Líbano, e a Inglaterra obteve um mandato sobre o Egipto, Iraque e Palestina para ajudar na reunião de judeus na Palestina.

O segundo sinal de apoio bíblico ocidental aos judeus veio em 1917 com a promessa de Lord Balfour, o Ministro britânico dos Negócios Estrangeiros. Sob este compromisso, a Inglaterra comprometeu-se oficialmente a ajudar os judeus a imigrar para a Palestina para estabelecer uma casa judaica. Vale a pena recordar que os sionistas alcançaram estes resultados concretos 25 anos antes do Holocausto hitleriano, referindo-se apenas a textos bíblicos:

Os sionistas continuam, ainda hoje, o seu plano de conquistar a simpatia dos cristãos ocidentais através de textos bíblicos. Aqueles que leram o livro de Paul Findley, um Congressista dos Estados Unidos, publicado recentemente em episódios no jornal «Al-Safir», aqui no Líbano, e cujo título pode ser traduzido como «They Dare to Speak», não terão dificuldade em acreditar no que estou a dizer. Paul Findley denuncia as actividades sionistas no seu país e particularmente o Lobby sionista e foi ele próprio atacado pelos sionistas por não se submeter a elas. Este membro americano do parlamento diz no seu livro, entre outras coisas:

«Muitos americanos, conservadores e não conservadores, apoiam Israel sob o pretexto de valores culturais e políticos comuns, e como reacção ao Holocausto judaico. Muitos conservadores acreditam que a criação de Israel em 1948 foi um cumprimento profético bíblico e que Israel continuará a desempenhar um papel central no plano de Deus.»

«Há muitos cristãos que vêem o apoio a Israel como um papel de liderança na interpretação dos ensinamentos do cristianismo. Eles acreditam que Israel é digno de apoio cristão porque, por um lado, a sua existência é o cumprimento da profecia bíblica e, por outro, multiplicam as suas referências a textos bíblicos do Antigo Testamento para apoiar a sua opinião. Por outro lado, muitos cristãos apoiam Israel porque acreditam que os judeus ainda são o que eram nos tempos bíblicos, o povo escolhido de Deus.»

Foi assim que um congressista americano que sofreu perseguição organizada por judeus e pelo lobby sionista na sua própria pátria ousou falar. Esta perseguição foi orquestrada contra ele pela única razão de ter testemunhado o ardil sionista e de se ter recusado a ser enganado pelos seus argumentos enganadores a todos os níveis, mesmo bíblicos.

Aqueles que compreenderam o Espírito Bíblico e seguiram o comportamento do Sionismo mundial a fim de ganhar a simpatia do mundo ocidental através da Bíblia, estão convencidos de que a verdadeira atitude da Bíblia em relação ao Estado de Israel deve ser revelada. Na verdade, a Bíblia está cheia de textos que condenam a criação de um Estado político judeu. No entanto, vemos que muitos líderes religiosos e políticos cristãos foram enganados ao apoiar falsas alegações israelitas e levados a acreditar nas falsas interpretações bíblicas utilizadas por alguns judeus hoje em dia,

A Bíblia tem uma grande influência na consciência cristã e os judeus sabem-no, tal como o Alcorão tem uma grande influência na consciência muçulmana. É por isso que quando o antigo Primeiro-Ministro israelita Menahem Begin visitou o antigo Presidente dos EUA Jimmy Carter, apresentou-se, segundo a rádio israelita, com um mapa bíblico da Palestina para convencer Carter do seu dever moral de apoiar o Estado de Israel. Jimmy Carter, conhecido pelo seu apego à Bíblia, tinha declarado que ao apoiar Israel estava a defender a causa de Deus. Assim, através da Bíblia, os israelitas conseguiram convencer muitos cristãos de que ser contra Israel é um pecado. E isto é o oposto do que estamos a dizer aqui.

Foi assim que se comportaram e ainda se comportam, líderes sionistas com o mundo ocidental, jogando em todas as cordas e utilizando a própria Bíblia, para usurpar a opinião pública ocidental e ganhar o apoio emocional, moral, económico e finalmente militar dos chamados países cristãos.

Bispos da França e dos Estados Unidos até emitiram declarações de apoio a Israel, exortando os seus fiéis a apoiar o Estado, alguns chegando mesmo ao ponto de fazer deste apoio um dever moral. Este engano estendeu-se a nós no Oriente, onde vimos cristãos defenderem Israel à custa da sua própria pátria e líderes religiosos cristãos chegarem a Israel para o ajudar ou para exigir a sua ajuda contra os seus compatriotas.

As luxúrias bíblicas de Israel estendem-se do Nilo até ao Eufrates (Gn 15,18). Isto está simbolizado na bandeira israelita, onde vemos a Estrela Sionista, uma estrela de seis pontas entre duas linhas horizontais azuis, simbolizando o Nilo e o Eufrates,

Muitos no Oriente distanciam-se da Bíblia, acreditando que ela apoia injustamente este estado iníquo e justifica os muitos crimes de Israel. Por conseguinte, levantam-se contra a Bíblia em vez de denunciarem os sionistas que a usam indevidamente.

Aqueles no Oriente que não acreditam na legitimidade de Israel, sentem um sentimento de desinteresse pela Bíblia e acreditam na sua falsificação porque dizem que Deus não pode inspirar textos injustos. Por isso, negligenciam o uso da Bíblia para denunciar Israel e caem na armadilha montada pelos sionistas para os manter afastados da Bíblia, para que não descubram nela o que os condena.

Acreditar que a Bíblia é falsificada é prestar um duplo serviço a Israel porque, por um lado, aumenta a aversão dos cristãos ocidentais pelos orientistas que denunciam Israel e recusam a Bíblia e, por outro lado, o próprio povo que luta contra Israel distanciando-se da Bíblia, negligencia esta poderosa arma bíblica que lhes dá razão contra o usurpador israelita.

Assim vemos que os sionistas trabalham, por um lado para se aliarem aos seus amigos cristãos através de textos bíblicos que lhes convêm, e por outro lado para manterem os seus inimigos afastados da Bíblia por medo de descobrirem nela o que os condena.

Nesta área é necessário permanecer objectivo e ter muito discernimento para não se deixar levar por um entusiasmo insalubre e impaciente. Isto pode levar a conclusões precipitadas e superficiais como acreditar na falsificação da Bíblia ou deixar-se levar por sentimentos racistas, dois perigos que devem ser evitados a todo o custo. É por isso que se deve adquirir um grande poder de concentração mental, aquilo que os dois grandes xeques eruditos Afaghani e Mohammed Abdo tiveram, que certificaram constantemente a autenticidade dos textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento que chegaram até nós.

Além disso, as descobertas de escavações arqueológicas, particularmente os Pergaminhos de Qumran perto do Mar Morto, descobertos em 1947 e datados de 200 a.C., atestam a autenticidade do presente texto bíblico. É o texto que Jesus e o Profeta Maomé tinham conhecido e que foi certificado pelo Alcorão em mais do que um versículo, como o seguinte: «Aqueles a quem demos o Livro (a Bíblia) leram-no correctamente. Aqueles que acreditam nele e aqueles que não acreditam nele são os perdedores» (Cow 121). Quanto a mim, acredito na Bíblia, e no seu texto actual, para que não esteja entre os perdedores.

Alguns, depois de ouvirem que a Bíblia apoia Israel, perguntam como se pode conciliar a crença na Bíblia com a rejeição de Israel. A resposta é simples: é verdade que a Bíblia menciona fronteiras geográficas ao Estado de Israel, mas também é verdade que condena aqueles que trabalham para estabelecer este indesejado estado político de Deus.

Acredito na Bíblia, acredito que ela é inspirada por Deus. E se eu acreditasse que a Bíblia concedeu aos judeus de hoje um estado político que se estende geograficamente desde o Nilo até ao Eufrates em todo o Líbano, teria sido o primeiro a militar nas fileiras dos israelitas e dos seus agentes para estabelecer o estado de Israel, mesmo em detrimento da minha amada pátria, o Líbano, que teria sacrificado de todo o coração para satisfazer o Criador e provar o meu amor e devoção à Sua única vontade.

Mas a Bíblia, pelo contrário, ordena-me que denuncie a cobiça israelita e obriga-me a lutar contra Israel até ao martírio, tal como os nossos filhos e filhas, os nossos dignos irmãos e irmãs no Sul do Líbano, aqueles mártires escolhidos por Deus que, longe de estarem mortos, estão vivos para sempre com Deus, como diz o Alcorão. É por isso que, ao contrário de todos aqueles que, como as ovelhas de Panurge, seguem cegamente a tendência pró-israelita, por medo de serem acusados de anti-semitismo e racismo, levanto-me e grito, como gritou ontem o profeta Miqueias, dizendo: «Eu, pelo contrário, estou cheio de força e do sopro de Javé, de justiça e coragem, para proclamar a Jacob o seu crime e a Israel o seu pecado» (Miqueias 3:8).

Vou agora apresentar os textos bíblicos mais importantes que os sionistas exploraram porque mencionam as fronteiras de Israel. Depois demonstrarei que estes textos foram introduzidos na Bíblia pelos escribas judeus. Repito: estes textos foram introduzidos na Bíblia pelos escribas judaicos, incitados pelos líderes religiosos e políticos sionistas. Depois explicarei como Deus, através dos seus profetas, denunciou na própria Bíblia o que os escribas introduziram na mesma para justificar as luxúrias israelitas em nome de Deus.

A Bíblia relaciona o pacto entre Deus e Abraão no capítulo 15:18 do Génesis, nestes termos:

«Deus fez um pacto com Abraão, dizendo: 'Aos vossos descendentes dou esta terra desde o rio Egipto até ao grande rio Eufrates»

O facto de Deus convidar Abraão e os seus descendentes a estabelecerem-se entre o Nilo e o Eufrates não significa que esta terra seja propriedade de Israel como um Estado político no século XX. Além disso, isto não significa que a posteridade de Abraão sejam os únicos judeus, especialmente os judeus sionistas de hoje, pois os árabes são também a posteridade de Abraão, e São Paulo na sua carta aos Gálatas revela que todos aqueles que acreditam que Jesus é o Messias são filhos de Abraão (Gálatas 3,29). É de notar aqui que os israelitas não acreditam que Jesus seja o Messias. Como poderiam então, de acordo com esta lógica de São Paulo, ser ainda descendentes de Abraão? E devemos ainda acreditar que todos os discípulos de Jesus, porque são descendentes de Abraão, se devem reunir entre o Nilo e o Eufrates e que os incrédulos devem viver fora destas fronteiras? Certamente que não.

A razão pela qual Deus convidou Abraão e os seus descendentes a estabelecerem-se entre estes dois rios é a seguinte: Tornaram-se nómadas e vaguearam de um lugar para o outro, depois de Deus ter pedido a Abraão para deixar a sua pátria Síria. Deus convidou Abraão a estabelecer-se com o seu povo em toda a região mencionada, não para construir um novo estado político, como os sionistas querem interpretar, mas para que Abraão e os seus descendentes pudessem coexistir com os nativos da região que eram então pagãos, difundindo pacificamente o conhecimento do único Deus que se lhe tinha revelado.

Mas os judeus, ao contrário do plano de Deus, tornaram-se sionistas depois de Abraão. Já não estavam satisfeitos com o monoteísmo, mas queriam possuir as terras e propriedades dos outros habitantes, tentando expulsá-los da região com o pretexto de que Deus lhes tinha dado estas terras e que eram os únicos proprietários. A Bíblia é rica em exemplos do derramamento de sangue dos israelitas que se estabeleceram na região, expulsando os nativos pela força das armas.

Os escribas judeus introduziram na Bíblia, por instigação dos seus líderes religiosos e políticos, textos erroneamente atribuídos a Deus para justificar as suas luxúrias. Subsequentemente, os profetas denunciaram esta falsa prática. Mencionarei alguns exemplos dos textos mais importantes relacionados com as fronteiras de Israel:

E quando Josué era velho, o Senhor disse-lhe: «Tu és velho, e ainda tens de conquistar um grande país: todos os distritos dos palestinianos... e todo o Líbano... até que Hamat chegue. Todos os habitantes da montanha do Líbano... todos os sidónios, eu os expulsarei de diante dos israelitas...». (Josué 13:1-7).

Pergunto-me hoje: se foi realmente Deus que disse estas palavras, porque é que nós, libaneses, não nos vemos expulsos das nossas casas, fugindo dos israelitas? Porque acontece o oposto? De facto, o mundo está a ver os israelitas a fugir com grandes pernas do sul do Líbano. E onde estão os soldados em fuga de Tsahal, o exército israelita, onde estão eles da cidade de Hamat, no norte da Síria? E porque é que o terror enche o coração não dos sidónios do sul do Líbano, mas dos israelitas que vivem nos colonatos judeus no norte de Israel, na Galileia?

Encontramos outro texto no livro de Deuterónimo (Deuterónimo 11,24-25) no qual Deus diz aos israelitas: «Todo o lugar onde as plantas dos vossos pés pisarem será vosso; do deserto (Sinai), do Líbano, do rio Eufrates ao Mar Mediterrâneo Ocidental), o vosso território será estendido. Ninguém estará perante vós. O Senhor teu Deus far-te-á temer e temer por toda a extensão da terra que pisarás». Este é o texto bíblico.

O que podemos nós libaneses que acreditamos na Bíblia, que não tememos os judeus de hoje e que semearam medo e desespero no coração da IDF, os soldados do exército de Israel, os valentes soldados que vimos diante dos nossos olhos fugir e cometer suicídio em grupos? Foi o que o próprio Primeiro-Ministro israelita admitiu à imprensa internacional. Talvez o Deus dos israelitas não esperasse que os israelitas chamassem «terrorismo xiita», o terrorismo que os aterrorizou ao apresentar, neste preciso momento, uma resistência que assusta os seus corações.

É legítimo perguntar-se como é que a Bíblia chega a dizer que «ninguém se levantará perante os israelitas»? Será que eles não seguraram estes xiitas, estes dignos filhos de Fátima com os seus aliados, perante a formidável máquina militar israelita? E o terror não encheu os corações dos soldados israelitas que estão com pressa de se retirar do Líbano, um terror que os habitantes do sul do Líbano não experimentaram? Como é que a Bíblia vem dizer que «o teu Deus te fará temer e temer por toda a extensão da terra que pisarás»? E quem é este Deus mentiroso e enganoso?

Jesus responde-nos no Evangelho de São João dizendo aos judeus que o recusaram: «O teu pai é Deus, o diabo, e são os desejos do teu pai que tu queres realizar» (João 8,44). Acreditamos nestas palavras sérias de Jesus.

Quando os israelitas se retiraram do Sinai, ficaram desapontados com o seu «Deus» e com o seu então Primeiro-Ministro, Menahem Begin, que os tinha encorajado anteriormente a estabelecerem-se ali. O seu desapontamento deveu-se ao facto de acreditarem que a Bíblia lhes prometia a posse permanente desta região da terra.

Os sionistas, após a sua retirada do Sinai, não aprenderam a lição; ainda não compreenderam, até hoje, que o enganador «Deus» que adoram não é o Criador Todo-Poderoso, capaz de cumprir as Suas promessas com uma única palavra.

Vimos que os textos bíblicos estabelecem as fronteiras de Israel desde o Nilo até ao Eufrates. Mas encontramos outros textos na Bíblia em que Deus estabelece fronteiras menos ambiciosas, uma vez que Ele define as fronteiras de Israel desde o Mediterrâneo até ao Mar Morto apenas, como este texto do livro de Números 34,8-12, que faz Deus dizer: «Terás o Grande Mar (isto é, o Mar Mediterrâneo) como tua fronteira marítima, e esta fronteira será a tua fronteira para o Ocidente. E esta é a sua fronteira norte. Deve traçar uma linha desde o Grande Mar até Hor-la-Montagne e até à entrada de Hamat. Depois desenhará a sua fronteira oriental que descera até à margem oriental do Mar de Kinneret (ou seja, o Lago de Gennesaret), a fronteira seguirá depois o Rio Jordão até ao Mar Salgado. Tal será o vosso país com as fronteiras que o circundam».

Segundo este texto, as fronteiras orientais de Israel param no rio Jordão, longe do Eufrates, e a sua fronteira ocidental está limitada ao Mar Mediterrâneo, não incluindo o Sinai.

Muitos israelitas acreditam no que eles chamam «Grande Israel», um Império Sionista Mundial cujo centro nacional está no Oriente. Mas estas mesmas pessoas ficam perplexas e embaraçadas quando se trata de definir as fronteiras do Estado de Israel. Esta perplexidade e constrangimento

deve-se aos textos bíblicos que diferem na definição das fronteiras. É por isso que, até hoje, Israel ainda não apresentou às Nações Unidas um mapa que defina as suas fronteiras geográficas.

Estes são os principais textos bíblicos explorados pelos israelitas para obterem o apoio do chamado mundo «cristão». Vemos que os limites variam de acordo com a ambição dos escribas. Agora, se fosse realmente Deus, o Único Criador de todas as coisas, que tinha ditado os limites de um Estado israelita, estes textos bíblicos não teriam sido tão hesitantes entre mais ou menos expansionismo, deixando aqueles que acreditam neles em total confusão e incomodando o mundo inteiro com a sua imprecisão. Deus, que criou todas as coisas num equilíbrio admirável, obviamente não pode inspirar textos confusos. Mas os escribas israelitas obrigaram Deus a dizer tudo para justificar as luxúrias sionistas.

Os judeus mais ambiciosos escolhem como fronteiras para Israel desde o Nilo até ao Eufrates, contudo, não encontram meios pacíficos para alcançar o seu objectivo com o consentimento da opinião mundial. A Sra. Golda Meir, a falecida Primeira-Ministra de Israel, disse uma vez: «O mundo que nos resiste não compreendeu nada. Porque depois da Primeira Guerra Mundial recebemos a promessa Balfour, depois da Segunda Guerra Mundial recebemos o Estado de Israel». Ela implicou no contexto do seu discurso, que após a Terceira Guerra Mundial, uma guerra que o sionismo internacional é capaz de desencadear, os israelitas conseguirão realizar o seu sonho de vida, o Império israelita que se erguerá dos escombros deste conflito nuclear, para se estender desde o Nilo até ao Eufrates. Com estas palavras, a Sra. Meir quis intimidar o mundo pelo facto de possuir a chave da temida Terceira Guerra Mundial. É melhor que o mundo ceda às exigências do «Grande Israel» ou então o Sionismo saberá como acender o barril de pólvora para o conseguir.

Isto, na concepção sionista, significa resolver o problema desta região alargando as fronteiras de Israel às suas fronteiras bíblicas desde o Nilo até ao Eufrates, mas «passo a passo», lentamente, silenciosamente.

No entanto, vemo-los fugir do Líbano em grandes passos, e com um estrondo, sob os repetidos e impiedosos golpes da valente resistência libanesa. Os soldados das IDF estão a deixar o Líbano, disfarçando o seu voo como uma retirada táctica. Como chegariam ao Eufrates e ao Hamat? Será por recuar em passos gigantescos?

O facto de na Bíblia existirem versículos para definir as fronteiras de Israel não significa que Deus seja a sua fonte: pelo contrário, estes versículos são parasitas que desviam o plano de Deus do seu curso histórico normal e pacífico.

Há vários exemplos deste parasitismo na Bíblia, e o profeta Jeremias não deixou de denunciar esta prática insana, acusando «a falsa caneta dos escribas» de ter sobrecarregado a Bíblia com textos falsos. De facto, este grande profeta diz aos judeus no capítulo 8,8 do seu livro

«Como se diz: 'Somos sábios e a Lei do Senhor está connosco', mas a falsa caneta dos escribas transformou-a numa mentira?»

Encontramos no Alcorão um eco destas mesmas palavras no versículo 79 do capítulo «A Vaca» onde Deus diz: «Ai daqueles que escrevem a Bíblia com as mãos e depois dizem: 'Isto é de Deus', para ganharem uma ninharia. Ai deles pelo que as suas mãos escreveram; ai deles pelo que ganharam!»

Os escribas de Israel introduziram muitas mentiras e fábulas na Bíblia para servir os seus próprios interesses, especialmente no que diz respeito aos sacrifícios e holocaustos exigidos ao povo para serem apresentados no Templo. Muitas destas ofertas de animais, óleo e produtos da terra, que foram oferecidos em abundância, foram dedicados à utilização dos sacerdotes.

Menciono como exemplo o seguinte texto do livro de Levítico no capítulo 7:32-34, que faz Deus dizer: «O peito do animal que é sacrificado será de Arão e dos seus filhos». Pois tiro o peito e a coxa dos sacrifícios das vossas ofertas de paz e dou-os a Arão e aos seus filhos; é um estatuto

perpétuo para os filhos de Israel.... Assim, a Bíblia certifica que foi Deus quem ordenou estes sacrifícios animais e ordenou que a sua porção fosse reservada para os sacerdotes para sempre.

Agora, eis que o profeta Jeremias se rebela em nome de Deus e denuncia estas práticas como não sendo de uma fonte divina, repito, como não sendo de uma fonte divina. De facto, este profeta disse ironicamente àqueles que praticam estas práticas: «Assim diz o Deus de Israel: 'Acrescentai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei a carne deles! Pois nada disse aos vossos pais quando os tirei da terra do Egipto a respeito de ofertas queimadas e sacrifícios, nem lhes ordenei que o fizessem» (Jeremias 7:22).

A questão aqui é esta: Porque é que a Bíblia diz que Deus pediu sacrifícios de animais e depois um grande profeta bíblico como Jeremias, inspirado por Deus, declara que Deus nunca fez tais prescrições? Será que a Bíblia se contradiz a si mesma?

Habitámo-nos a considerar todo o texto bíblico - na sua totalidade e em pormenor - como divinamente inspirado, e omitimos perguntar à Bíblia o que ela própria diz sobre este assunto. Pois é a Bíblia que nos adverte contra as palavras falsas introduzidas nela por «a caneta falsa dos escribas», como Jeremias a colocou.

O que Deus disse sobre sacrifícios continua a ser dito sobre a dádiva da Palestina e dos seus arredores aos israelitas. Os textos que dão esta região do mundo aos judeus, ao limitarem as suas fronteiras, não são de Deus. Surgiram de fantasias sionistas.

A Bíblia encoraja os judeus a ocupar a terra e a despejar os habitantes. No entanto, e sempre na Bíblia, Deus condena explicitamente esta prática abominável e exorta os seus profetas a denunciá-la. Ouça, por exemplo, este texto do livro do profeta Isaías em que Deus se revolta contra Israel, cujo símbolo é a vinha, tal como o Cedro é o símbolo do Líbano. Diz Deus:

«Ó habitantes de Jerusalém e homens de Judá, julguem entre mim e a minha vinha. O que poderia eu fazer pela minha vinha que ainda não tenha feito? Esperava uvas dela; ela produz verruga em mim. Bem, agora vou ensinar-vos o que vou fazer com a minha vinha. Removerei a sebe para que possa ser pastada, derrubarei a parede para que possa ser pisoteada. Vou deitá-lo abaixo. A vinha de Yahweh é a casa de Israel. Ele estava à espera da inocência, e é sangue, e justiça, e é o grito de medo. Ai daqueles que juntam casa a casa e se juntam campo a campo, de modo a ocuparem todo o lugar e permanecerem os únicos habitantes da terra.» (Isaías 5:3-8).

É assim que a Bíblia refuta a mentalidade e os desejos dos sionistas que querem ser os únicos proprietários da terra, acrescentando campo sobre campo e multiplicando os seus assentamentos por toda a terra da Palestina através da violência, do sangue e da injustiça, querendo ainda derramar sobre a terra libanesa.

Assim, encontramos na Bíblia um conflito entre duas mentalidades que são contrárias uma à outra, um conflito que se manifesta entre dois tipos de textos contraditórios sem qualquer compromisso possível. É a luta entre Deus e os israelitas, entre o pensamento de Deus e o pensamento de Israel, entre o Espírito Santo e o espírito do Sionismo.

Todos aqueles que têm discernimento e alguma experiência bíblica podem diferenciar entre o pensamento de Deus e o pensamento racista e violento do sionismo. O próprio Criador denuncia esta diferença fundamental dizendo através do profeta Isaías: «Os vossos pensamentos não são os meus pensamentos e os meus caminhos não são os vossos caminhos, diz o Senhor. O céu é mais alto que a terra, e os meus caminhos são mais altos que os vossos caminhos e os meus pensamentos que os vossos pensamentos» (Isaías 55,8-9).

Os sionistas foram astutos na introdução dos seus textos na Bíblia a fim de ocupar a terra em nome de Deus. Mas Deus que, segundo o salmo, «astuto com o astuto», tem sido mais astuto ao introduzir na Bíblia textos que condicionam o dom da terra à fidelidade ao Pacto. Agora sabemos que os judeus quebraram o Pacto pelas suas inumeráveis infidelidades. De facto, adoraram ídolos

pagãos, chegando ao ponto de oferecer os seus filhos e filhas como sacrifícios, como o profeta Jeremias o denuncia ao dizer:

«Os filhos de Judá fizeram o que eu não gosto. Oráculo de Yahweh. Montaram as suas abominações (ídolos pagãos) no templo que leva o meu nome, para o profanar; construíram o alto lugar de Tophet no vale do filho de Hinnom, para queimar os seus filhos e as suas filhas com fogo, que eu não ordenei, o qual nunca pensei» (Jeremias 7:30-31).

Estas práticas abomináveis consagraram a ruptura do Pacto entre os israelitas e Deus que denunciou a infidelidade através dos seus profetas. Isaías, de facto, declarado em nome de Deus:

«O céu ouve, terra, dá ouvidos, pois o Senhor diz: 'Criei filhos e fiz crescer, mas eles revoltaram-se contra mim'. Um boi conhece o seu dono, um burro conhece o berço do seu dono, Israel nada sabe... Ah, uma nação pecadora, um povo cheio de crises, uma raça de malfeitores, crianças degeneradas... Abandonaram Yahweh, desprezaram o Santo de Israel, afastaram-se dele» (Isaías 1,2-4).

Por sua vez, o profeta Jeremias denunciou Israel, dizendo: «O Senhor disse-me: 'Formou-se uma conspiração entre o povo de Judá e os habitantes de Jerusalém'. Eles voltaram aos pecados dos seus antepassados que se recusaram a ouvir as minhas palavras. Aqui estão eles, também, em busca de deuses estrangeiros para os servir. A casa de Israel e a casa de Judá quebraram o meu pacto».. (Jeremias 11:9-10).

O Corão não deixou de se unir ao espírito profético denunciando a infidelidade dos judeus em mais de um versículo, incluindo o do capítulo das Mulheres, versículo 155, onde Deus diz dos judeus: «Quebraram o seu pacto, rejeitaram os sinais de Deus e mataram injustamente os profetas...»

A condição de fidelidade ao Pacto aparece nas palavras que Moisés dirigiu ao povo no capítulo 28 do Deuteronomio. Ele tinha dito: «SE obedeceres à voz do Senhor teu Deus, guardando e cumprindo todos estes mandamentos... O Senhor far-te-á o primeiro de todos os povos da terra. Mas SE não obedeceres à voz de Javé, o teu Deus (mais uma vez a palavra «se» indica a condição), ele atingir-te-á a ti e aos teus descendentes com todas estas espantosas pragas, grandes e permanentes pragas. E Moisés, prevendo a infidelidade, disse ao povo: «Porque não obedecerás à voz do Senhor teu Deus, por mais que o Senhor gostasse de te fazer feliz, tanto gostará de te perder e de te destruir. Será arrancado da terra onde está prestes a entrar para tomar posse dela».

Note-se que a alternativa à posse da terra é a expulsão dessa mesma terra em caso de infidelidade ao Pacto tinha de facto dito: «Sereis arrancados da terra onde estais prestes a entrar» Agora demonstrámos esta infidelidade denunciada pelos profetas.

Mesmo supondo que a Bíblia dá aos judeus a região desde o Nilo até ao Eufrates, não devemos esquecer que este dom foi condicionado, que as condições não foram respeitadas, que o Pacto foi revogado pela própria confissão dos profetas, e que, finalmente, o dom da terra foi substituído pela expulsão desta terra, de acordo com as palavras de Deus e de Moisés relatadas na própria Bíblia.

Estamos, portanto, surpreendidos que os israelitas de hoje consigam enganar o Ocidente cristão com textos bíblicos que mencionam a dádiva da Palestina aos judeus.

Acreditamos que os crentes esclarecidos e sábios que mantiveram o discernimento compreenderão que a Bíblia não dá a Israel um lugar no Oriente. Saberão como responder com a Bíblia à chantagem dos sionistas que os ameaçam com anti-semitismo, como os profetas lhes responderam no passado. Estes verdadeiros crentes contribuirão assim para iluminar o mundo e para salvar da mentira sionista todos os homens e os próprios judeus que o desejam.

4. Os profetas denunciam o Estado de Israel

Tendo visto na primeira parte os textos sionistas deslizar silenciosamente - como se de contrabando - através da caneta mentirosa dos escribas, bem como a denúncia desta prática pelos profetas, veremos nesta segunda parte como Deus e os seus profetas condenaram a instituição de um Estado político judeu.

Eu disse na primeira parte da conferência que existe um conflito no Antigo Testamento da Bíblia entre dois tipos de textos, os inspirados por Deus e os textos intrusivos que emanam das elucubrações sionistas. Esta luta entre os textos aponta para a feroz resistência dos israelitas a Deus, tanto no passado como no presente. O centro desta oposição tem sido sempre o mesmo, nomeadamente, o desejo da grande maioria dos judeus de estabelecer um Estado político judeu governado pelo Messias que eles imaginavam e ainda imaginam como um líder sionista que seria proclamado rei de um reino israelita, um sionista. Agora Deus opõe-se à criação de tal estado e tornou-o claramente conhecido dos judeus através dos seus profetas. A disputa entre Deus e os judeus é, portanto, o Estado de Israel.

No capítulo 32,28 do livro do Génesis, a Bíblia explica-nos o significado da palavra Israel. Significa «lutar contra Deus». Note que este nome é exactamente o oposto da palavra «Islão» que em árabe significa «entregar o rosto a Deus», resignar-se à vontade de Deus, como o Corão explica no versículo 22 do capítulo 31, chamado «Lokman» que aqui traduzo literalmente do árabe, assim «Aquele que abandona o seu rosto (que islamiza o seu rosto) inteiramente para Deus, este é justo» Abandonar o seu rosto para Deus, virar o seu rosto para Deus, olhar para Deus ou virar o seu olhar para Deus, são tantas expressões para manifestar total submissão ao Senhor.

Os profetas bíblicos recusaram-se a ser cúmplices dos judeus no estabelecimento do estado que já cobizavam. A razão desta louvável atitude profética é que o judaísmo é uma fé, uma crença num só Deus, e não uma ideologia política que leva à instituição de um império sionista no mundo. Deus nunca mostrou a Abraão um caminho político que conduz a um estado hebreu. Pois Abraão tinha uma identidade e uma inserção social que a Bíblia não deixou de revelar. Era aramaico, isto é, sírio, e portanto de origem árabe. Agora os judeus afirmam que Abraão era hebreu quando não existia tal povo antes de Abraão. Encontramos no capítulo 14, versículo 13 do Génesis a menção «Abram, o hebreu». A palavra «hebreu» foi acrescentada pelos escribas no passado para nos levar a acreditar que Abraão era hebreu. Este é um dos exemplos do que a falsa caneta dos escribas introduziu na Bíblia. Portanto, para remediar isto, Deus inspirou Moisés em Deuterónimo 26:5 a pedir ao povo judeu que dissesse as seguintes palavras perante o altar de Deus: «O meu pai era um aramaico errante (sírio)». Se Abraão fosse hebreu, Moisés não teria falhado em criá-lo.

Ao enfatizar a identidade síria e árabe de Abraão, não pretendo monopolizar a inspiração divina para os árabes, nem pretendo pregar qualquer tipo de nacionalismo árabe. Mas o meu objectivo, ao fazê-lo, é salvar a inspiração das tentativas de «Sionizar» a Bíblia, ou seja, de a explorar ao serviço do Sionismo. Pois a inspiração bíblica foi dada para iluminar todos os homens e não os judeus apenas como eles escolhem acreditar.

Ao manifestar a identidade síria de Abraão, quero também concluir que Abraão, sendo já cidadão de um Estado importante, não tinha necessidade de estabelecer outro Estado, ou seja, um Estado israelita.

O que Deus queria da comunidade judaica desde o início era uma coexistência pacífica com os seus compatriotas, pregando o monoteísmo da região onde se encontravam, com amor e paciência num mundo que, naquela época, ignorava o Deus único e mergulhou na mitologia politeísta.

Mas os judeus falharam na sua missão monoteísta não só por se entregarem à idolatria, mas também por se fecharem aos outros, compartimentando-se na sua sociedade ao estabelecerem barreiras psicológicas ditadas por um complexo de superioridade patológica e condenável. Compreender-se-ia as pessoas que se fecham aos outros por preocupação com os valores morais e por medo

de contaminação. Só se deve associar com pessoas que edificam. Tal compartimentação é louvável. Mas só podemos condenar as barreiras psicológicas e sociais quando estas se baseiam em considerações de grupos étnicos. Agora vemos pelo seu comportamento idolátrico e imoral - comportamento denunciado na Bíblia - que os israelitas não basearam o seu comportamento para com outros grupos étnicos em valores morais.

Tendo-se fechado num gueto espiritual e social, os israelitas sucumbiram ao orgulho e ao fanatismo, acreditando serem o único povo escolhido de Deus. Culparam até Cristo Jesus por dizer, entre outras coisas, que eles eram o único povo escolhido de Deus, que os homens virão do Oriente e do Ocidente, portanto de todas as raças e povos, para se sentarem com Abraão no Reino de Deus, mas que, por outro lado, os filhos do Reino, isto é, do reino de Israel, serão expulsos (Mateus 8:11). Os judeus politizaram então a sua missão espiritual, aspirando ao governo temporal de todo o mundo por um império israelita, seguindo o exemplo dos impérios assírio, babilónico, romano ou outros. Foi precisamente um império tal que Jesus recusou o diabo. Mas os judeus aspiravam, e ainda aspiram hoje, a estabelecer este império sionista a partir da Palestina.

No entanto, a Palestina nunca foi desabitada. Pelo contrário, a Bíblia revela no capítulo 13,27-28 do Livro dos Números, que Moisés enviou batedores para explorar esta região e que eles voltaram com amostras de grandes e suculentos frutos. O relatório que fizeram a Moisés da Palestina, a partir dessa altura, foi o seguinte: «Fomos para a terra onde Vós nos enviastes. Verdadeiramente, goteja com leite e mel. Estes são os produtos da mesma. Mas as pessoas que habitam nela são poderosas; as cidades são fortificadas e muito grandes» Este é o testemunho da Bíblia sobre a Palestina em 1200 a.C. Será então lógico que Deus, que é inteligente e justo, escolheu pessoas para criar um Estado israelita num território já habitado por homens que construíram cidades grandes, fortes e organizadas? Certamente que não! Pois isso seria condenar a região a guerras sem fim, e o Senhor é um Deus de paz. E como podemos acreditar no falecido Golda Meir, que disse que a Palestina estava vazia, que os palestinianos não existiam, e que para o fazer tínhamos de dar uma terra sem povo, nomeadamente a Palestina, a um povo sem terra, nomeadamente os judeus? Nenhum homem inteligente e de boa fé se deixará levar a acreditar em tais mentiras.

Deus não ordenou a Abraão ou a Moisés que criassem uma nação ou um estado, mas uma comunidade judaica; Ele até se opôs explicitamente aos judeus que queriam estabelecer um rei à sua frente, como veremos mais adiante

A primeira tentativa de politizar o judaísmo aparece no livro dos Juízes com Gideão, onze séculos antes de Jesus, cerca de 200 anos depois de Moisés. Os judeus já tinham entrado na Palestina com Josué, não pacificamente, mas com recurso imediato à força das armas para confiscar a terra e os bens dos habitantes pacíficos, como nos diz o relato bíblico. Os colonos sionistas de hoje imitaram ainda mais violentamente os colonos de ontem para tomar posse da Palestina e tentar anexar o Líbano.

No século XI a.C., Gideon liderou as batalhas dos israelitas contra os habitantes legítimos da região. Após algumas batalhas vitoriosas, a comunidade judaica enviou representantes para pedir a Gideon que fosse o seu rei e que ele e o seu filho e o filho do seu filho o sucedessem, iniciando assim uma dinastia real sionista que governaria os judeus como um povo político como outros povos. O capítulo 8, 23 do Livro dos Juízes relata a resposta de Gideon ao comité enviado pela comunidade judaica para o solicitar. Gideon respondeu: «Não reinarei sobre vós, nem o meu filho reinará sobre vós: pois só Deus deve ser o vosso Rei».

Vale a pena notar que também Jesus, tal como Gideon, se recusou a governar politicamente os judeus. Depois de rejeitar os avanços do diabo, São João diz-nos no capítulo 6,14-15 do seu Evangelho, que Jesus «vendo que as multidões vinham para o levar - para o levar à força - para o fazer rei (rei de Israel), fugiu de novo para a montanha sozinho». Esta recusa de Jesus em estabelecer um reino sionista é a principal causa da recusa dos judeus, ainda hoje, em reconhecer nele o Messias. Pois compreenderam que Jesus desaprovou o Estado de Israel e as suas luxúrias, tendo dito que o Seu Reino não era deste mundo sionista.

A segunda tentativa relatada no Antigo Testamento, depois da de Gideon, de estabelecer um reino, ocorreu cerca de 100 anos depois de Gideon, no tempo de Samuel. A Bíblia, no capítulo 8 do primeiro livro de Samuel, informa-nos que «todos os anciãos de Israel se reuniram e vieram ter com Samuel em Ramá e disseram-lhe: 'Estabelece para nós um rei para nos governar como sobre as outras nações'» A Bíblia deixou claro que Samuel não ficou satisfeito quando disseram: «Dai-nos um rei para nos governar». Samuel invocou Deus, que também expressou o seu descontentamento e a sua recusa respondendo, com raiva contra o povo, dizendo a Samuel: «Satisfaz tudo o que o povo te pede, pois não foi a ti que eles rejeitaram, mas a mim que eles rejeitaram, já não querendo que eu reine sobre eles». É assim que a Bíblia denuncia um Estado israelita como contrário ao plano de Deus.

Samuel tentou em vão convencer os chefes a aderir ao plano de Deus, mas eles recusaram categoricamente e responderam: «Não, nós teremos um rei, e nós também seremos como todas as nações. O nosso rei reinará sobre nós, e ele sairá à nossa frente e travará as nossas batalhas». Note-se que o objectivo de escolher este rei é travar as batalhas dos israelitas. Assim, Samuel resignou-se a salvaguardar a unidade da comunidade e Saul foi nomeado como o primeiro Rei de Israel. É assim que a Bíblia relata a instituição de um Estado de Israel, um reino nunca abençoado por Deus. Isto pode ser compreendido pelas próprias palavras de Deus a Samuel: «Eles rejeitaram-me, não querendo que eu reinasse mais sobre eles».

A razão da rejeição divina de um Estado hebreu é que este só pode ser construído sobre a injustiça, sobre os escombros dos direitos dos outros, pela guerra e pelo sangue. É por isso que, note-se de novo, os judeus pediram a Samuel um rei que os levasse à guerra para satisfazer a sua ambição de estabelecer o Estado de Israel, um Estado que sempre foi produto do sangue e da violação dos direitos humanos no Médio Oriente. Contudo, Deus tinha planeado a formação de uma comunidade pacífica para proclamar e preparar-se para acolher o Messias, e não uma nação beligerante unida.

O apego dos israelitas a um Estado hebraico continua a ser a fonte da sua inspiração a todos os níveis e dirige os seus pensamentos e acções, não só a nível temporal mas também em relação ao Messias que eles imaginam como um líder sionista que os levaria a lutar contra todos os árabes vitoriosos e miraculosamente os submeteria, como que por magia, aos israelitas. Então os israelitas poderiam vaguear calmamente para estabelecer o império sionista mundial, o auge do ideal judeu.

Com o aparecimento do Estado de Israel, muitos israelitas pensavam que o seu Messias já estava no mundo e alguns acreditavam que este Messias, Rei de Israel, não era outro senão o antigo Primeiro Ministro Menahem Begin, especialmente após a visita de Sadat, Presidente do Egipto, a Jerusalém e os acordos Israelo-Egípcios de Camp David. Outros viram o rosto do Messias em Ariel Sharon, o chefe do exército israelita, e durante as primeiras eleições em Israel em 1981 ouvimos os ovações dos israelitas por vezes a favor de «Beghin: Beghin, King of Israel», e por vezes a favor de «Sharon: Ariel, King of Israel». Os dois homens estavam então no auge da sua glória. Sabemos que o título de «rei» é concedido pelos israelitas apenas ao Messias que esperam. É este Messias sionista que é denunciado por S. João na sua primeira carta no versículo 2,22, como sendo o Anti-Cristo, em relação a Jesus, que é o verdadeiro Cristo,

Os judeus consideram hoje que Israel se encontra numa fase de transição que terminará com a vinda do Messias. Segundo eles, o Messias deve estabelecer o regime definitivo em Israel, que seria um Reino, dando início a uma dinastia real permanente até ao fim dos tempos.

O sionismo mundial, através do seu instrumento Maçonaria, conseguiu derrubar mais de um reino no mundo para que, a seu tempo, apenas o Reino de Israel permanecesse e o seu rei fosse proclamado rei do mundo. Actualmente, o Sionismo visa derrubar o Reino em Inglaterra através dos seus agentes ocultistas.

Os profetas bíblicos compreenderam que os judeus só podiam alcançar a formação do seu estado através da injustiça, da astúcia e do sangue. É por isso que se levantaram, cheios do sopro de

Deus, contra os israelitas porque escolheram a si próprios reis e líderes políticos, esquecendo-se de que tinham uma missão espiritual, não política. De facto, Deus, pela boca do profeta Oséias, blasfemou os israelitas dizendo: «Eles transgrediram o meu pacto e traíram a minha doutrina, apesar de terem gritado: 'Nós conhecemos-te, Deus de Israel! Israel rejeitou o bem. O inimigo vai persegui-lo... Eles estabeleceram reis sem a minha confissão e governantes sem o meu conhecimento».. (Oséias 8:1-4).

É assim que a Bíblia refuta Israel e convida os judeus de hoje a reconhecerem que Abraão, o seu antepassado, era sírio. Repete-lhes hoje o que disse aos israelitas de ontem que os seus líderes não têm a bênção de Deus. Repito, os líderes israelitas de hoje não têm a bênção de Deus. Como podem existir líderes religiosos cristãos que os apoiem? Ao fazê-lo, estão apenas a perdê-los.

Sabendo que a Bíblia os condena, os líderes da comunidade judaica têm recorrido durante muitos séculos a outros meios para justificar as suas luxúrias. Assim, inventaram o Talmud e elevaram-no ao mais alto nível das tradições judaicas. Tem para eles o valor de uma Bíblia oral, ou Torá oral. Os estudos talmúdicos são ainda mais valorizados do que os estudos bíblicos, uma vez que visam justificar qualquer esforço que conduza à evolução do sionismo.

5. A relação entre Israel, o Anticristo e «Gog e Magog»

Uma reflexão final sobre este assunto: se Deus refuta Israel, então levantam-se duas questões: primeiro, porque permitiu o seu reaparecimento? e, segundo, a Bíblia fala deste regresso de Israel? Respondo à primeira pergunta: Porque é que Deus permitiu que Israel voltasse?

Deus permitiu o reaparecimento de Israel para atingir todos aqueles que são afectados pelo materialismo e possuídos pelo espírito sionista e seus aliados com um castigo que mudará a face do mundo, perturbando as condições políticas, sociais e religiosas que prevalecem actualmente. Israel, ao manifestar-se, reúne à sua volta todos os homens de má fé, os apóstolos da mentira, e os filhos das trevas. Ao exterminar Israel, Deus irá ao mesmo tempo condenar os malfeitores do mundo.

Na sua segunda carta aos Tessalonicenses, São Paulo diz que no final dos tempos, Deus enviará aos homens perversos, e cito, «uma influência que os desviará, que os levará a acreditar numa mentira, para que todos aqueles que se recusarem a acreditar na verdade e tomarem o lado do mal sejam condenados» (2 Tessalonicenses 2,11-12). O Estado de Israel é aquele poder do mal que reúne à sua volta os amantes do engano.

Deus quer pôr fim às actividades de ocultismo e maldade dos sionistas no mundo. Estas actividades têm vindo a decorrer desde antes de Cristo e São Paulo chama-lhes «o mistério da injustiça no trabalho» (2 Tessalonicenses 2,7).

Os sionistas evoluíram no vácuo; os seus pensamentos fermentaram num clima de racismo não falado. Contudo, este racismo tem sido denunciado pelas Nações Unidas, que há alguns anos atrás equipararam o sionismo ao racismo.

Os israelitas, como a Sra. Felicia Langer, a conhecida advogada judia que não só defende a causa dos palestinianos em Israel e em conferências internacionais, mas também denuncia o engano sionista, são raros. Um judeu hoje tem de ser excepcionalmente forte para escapar à mentalidade sionista. Felicia Langer e outros judeus nobres puderam falar como falaram os profetas de outrora, e o profeta Isaías em particular, que acusou os israelitas, «este povo carregado de crimes», disse ele, «esta raça perversa, e estes filhos pervertidos, 'abandonaram o Senhor'» (Isaías 1,4).

Nós que vivemos no Líbano somos testemunhas dos crimes israelitas cometidos nas nossas muitas aldeias do sul, depois do sangue que derramaram na Palestina para expulsar os palestinianos.

A violência dos israelitas de hoje não nos deve surpreender; eles querem imitar em todos os seus antepassados, aplicando as directivas bíblicas encontradas no Antigo Testamento, inseridas pela pena mentirosa e sanguinária dos escribas que incitaram os judeus de antigamente a massacrar -

em nome de Deus - os habitantes da região e a despojá-los dos seus bens, levando-os a considerar cada não-judeu como um inimigo a ser exterminado.

É por isso que Cristo, falando com os judeus, ordena-lhes que amem os seus inimigos, ou seja, os não-judeus, romanos e outros naquela época, considerados pelos judeus como inimigos. Este mandamento, de amar os inimigos, é dirigido exclusivamente àqueles que têm um espírito racista. Para outros, não é um problema. Para ilustrar este mandamento, Jesus curou os romanos e isto indignou os judeus. Por outro lado, Cristo ordena aos Seus discípulos que se oponham aos inimigos de Deus, aqueles que O recusam como Cristo o fez. Não diz no Evangelho de Lucas: «Os meus inimigos, que não me quiseram como seu rei, trazem-nos aqui e matam-nos perante mim» (Lucas 19,27). Não devemos esquecer que Jesus entrou no Templo com um chicote na mão para expulsar os hipócritas e mercenários, mesmo que fossem judeus.

Da mesma forma, a receita para apresentar a bochecha direita a quem lhe bater à esquerda é dirigida à multidão de judeus reunidos à volta de Jesus. O Evangelho de Lucas diz-nos que Jesus disse: «Eu vos digo a vós que me ouvis, amai os vossos inimigos...» (Lc 6,27). Note-se que Jesus diz «Eu vos digo a vós que me ouvis». Agora, aqueles que lá estavam a ouvir estavam habituados à injustiça, apropriando-se do bem dos outros, tal como continuam a fazer hoje na Palestina e tentaram fazer no Líbano. Esta prescrição dirige-se portanto ao injusto homem sionista que o homem despojado ataca a fim de recuperar os seus bens. Jesus significa que ele tem razão em atacar e que o judeu deve agradecer-lhe porque ao atacar o homem despojado está a guiar o judeu no caminho certo. Cristo diria aos judeus de hoje: «Amai o vosso inimigo, o palestino e o xiita libanês, e apresentai-o com a vossa face direita quando ele vos bater à esquerda, pois ele tem razão e vós sois o usurpador».

Exemplos de comportamentos criminosos judaicos abundam no Antigo Testamento. Citarei apenas uma história porque é o exemplo por excelência e encontra-se nos capítulos 17 e 18 do Livro dos Juízes. Quando os judeus entraram na Palestina com Joshua no século XII a.C., dividiram-na entre as tribos. Mas a tribo de Dan não ficou satisfeita com o seu destino e enviou cinco dos seus homens para explorar a região em busca de um lugar para se estabelecer. Chegaram à aldeia de Efraim, 20 milhas a norte de Jerusalém, e encontraram um sacerdote levita que servia a Deus. Este Deus não era outro senão um ídolo metálico fundido que trazia o Éfode e o Terafim, dois tipos de pedras que levavam as palavras «Sim» e «Não» de um lado e através das quais o sacerdote consultava Deus ao acaso, uma espécie de «palha de desenho». Os cinco homens pediram ao padre que consultasse Deus para ver se teriam sucesso no seu empreendimento. O padre cumpriu e respondeu: «Ide em paz, Deus está contente com a vossa viagem». Assim, os cinco homens continuaram para norte e chegaram a uma cidade chamada Lais, a cerca de 30 km a leste de Tyre. Viram que os habitantes de Lais viviam ali pacificamente, sem problemas ou preocupações, não faltando nenhum dos produtos da terra e que ninguém os incomodava. Estavam muito longe.

Os cinco homens, seduzidos pela perspectiva, voltaram aos seus irmãos e fizeram este relatório «Vinde e marchemos contra eles». Observámos esta terra; é excelente, e ficais parados. Não hesite em partir, vá e conquiste esta terra. Quando lá chegar, encontrará um povo indefeso e a terra é vasta. Deus pôs nas vossas mãos um lugar onde nada falta»

Assim, partiram para Laish e raptaram o padre Levite e o ídolo metálico no caminho. A Bíblia continua a contar a seguinte história: «Os Danitas marcharam contra Laish, contra um povo que estava calado e confiante. Puseram o povo à espada e queimaram a cidade até ao chão. Não havia ninguém para a ajudar, pois ela estava longe de Sidon e não tinha relações com os Aramaeans. Depois reconstruíram a cidade, e habitaram nela, e chamaram-lhe Dan, segundo o nome do seu pai». (Juízes 18,27-29).

Dei-vos este exemplo porque a cidade de Lais está no sul do Líbano e refere-se aos crimes cometidos pelos israelitas no Líbano no preciso momento em que vos falo hoje, 21 de Março de 1985. Note-se que os judeus regressaram hoje aqui com todo o seu arsenal às nossas aldeias no sul,

onde destruíram casas, expulsaram os habitantes, queimaram as plantações e destruíram as belas laranjeiras e oliveiras que os nossos pacíficos agricultores viram crescer com o suor da sua fronte.

Não tinha Cristo razão em dizer a este tipo de judeus que o seu Deus era Satanás? Reflectir um pouco sobre a verdadeira identidade do Deus consultado pelo padre escoteiro levita da Tribo de Dan. Este é o momento para o discernimento. Podeis acreditar que foi realmente o Deus Criador, o Bom Deus de todos os homens, que abençoou os danitas e lhes permitiu abater, como uma presa fácil, os pacíficos habitantes da cidade de Laís? Da mesma forma, pode acreditar que foi o Bom Deus, o Criador de todos os homens, que hoje levou Menahem Begin, o antigo Primeiro Ministro israelita, a cortar as gargantas dos pobres aldeões de Deir Yassin e a expulsar os palestinianos da Palestina, a fim de estabelecer um Estado hebreu? Mas tenhamos cuidado com a nossa resposta, pois Deus irá responsabilizar-nos.

Os muitos crimes cometidos pelos israelitas no passado para estabelecer o Estado judaico, levaram os profetas a levantarem-se contra eles e a denunciá-los. Mas em vez de se arrependem, os israelitas mataram os profetas que os estavam a incomodar. Eu próprio ouvi um comentário religioso em francês na rádio israelita há alguns anos atrás, no qual se dizia: «Se um profeta aparecesse hoje em Israel e falasse connosco como os profetas falaram com os nossos pais no passado, matá-lo-íamos... Mata... Mata... Mata... Mata... Mata... outra vez! Esta é a única alternativa sionista ao arrependimento, e a única resposta dada pelos sionistas a Deus e aos seus profetas».

Chegou o momento de «perder os que perdem a terra», segundo a expressão de Apocalipse 11:18 Deus permitiu assim que o sionismo se materializasse no Estado de Israel, que saísse do seu esconderijo para o completar.

A segunda questão é se a Bíblia fala do regresso de Israel? Sim, a Bíblia fala do regresso de Israel, mas não como os israelitas o entendem quando aplicam as profecias bíblicas que anunciam o regresso dos judeus da Babilónia no século VI a.C. ao Estado de Israel de hoje. Estas profecias já foram cumpridas no passado e, em qualquer caso, não visavam a formação de um Estado político hebreu, mas o regresso à Palestina da comunidade judaica exilada na Babilónia por Nabucodonosor.

Contudo, os capítulos 38 e 39 do livro de Ezequiel falam da invasão da Palestina no final dos tempos por Gog e Magog, símbolo das forças do mal. Compreendemos a identidade de Gog e Magog, através do capítulo 20:7-9 do Apocalipse Gog e Magog, disse Apocalipse, inundarão a Palestina dos quatro cantos do mundo para a guerra, e instalar-se-ão em toda a extensão da Palestina, e ocuparão a Cidade Santa Jerusalém, que ocuparão durante um certo tempo, mas no final um fogo cairá do céu e os destruirá para sempre. Gog e Magog, símbolo do paganismo e da rejeição do plano de Deus, nunca mais reaparecerão. Eles representam aqui os israelitas que, por causa da sua rejeição de Jesus, são os herdeiros modernos do Paganismo. De facto, como o Apocalipse revela, eles vêm dos quatro cantos da terra, para se estabelecerem, através da guerra, na Palestina, proclamando Jerusalém, a Cidade Santa, a Cidade Amada, como a capital do seu estado hebraico.

O Apocalipse ainda fala do aparecimento de uma Besta, no final dos tempos. Este Monstro existiu no passado, diz o Apocalipse, mas tinha desaparecido. Ele só regressa para ser destruído definitivamente, pouco depois do seu regresso, sem nunca reaparecer.

Isto aplica-se a Israel, que no passado tinha sido destruído no ano 70 por Titus. Agora ele está de volta para desaparecer para sempre. Esta profecia aplica-se a Israel, especialmente porque o Apocalipse anuncia o aparecimento de uma segunda Besta que apoia a primeira e a impõe no mundo pelo poder das armas e do dinheiro (ver capítulos 13 e 17 do Apocalipse). Sendo a primeira Besta Israel, é fácil de compreender que a segunda Besta, que a sustenta, não é outra senão os Estados Unidos da América. O Apocalipse anuncia a derrota das duas Bestas e o triunfo, pela sua derrota, de Cristo Jesus.

Dizemos portanto que a Bíblia anunciou o regresso de Israel ao falar de Gog e Magog no livro de Ezequiel, porque visava os israelitas paganizados pela sua recusa de Jesus.

Não posso terminar esta conferência sem mencionar algumas das profecias bíblicas sobre o Líbano. Pois há profecias na Bíblia cujos acontecimentos estão a ocorrer agora mesmo diante dos nossos olhos, aqui mesmo no Líbano. Começo por apontar o que o profeta Habakkuk profetizou contra aquele que invade o Líbano, afogando-o em sangue. Disse ele:

«A violência no Líbano irá subjugar-vos, pois derramastes sangue humano, violastes a terra, a cidade, e todos os que nela habitam» (Habakkuk 2,17)

Hoje, Israel foge do Líbano depois de o ter invadido, violado e cortado a sua garganta. Mas o sangue que foi derramado no Líbano por causa dos israelitas está a afogar Israel, que está a morrer. A guerra israelita contra o Líbano terá ferido o Líbano. Mas o Líbano curará Israel, por outro lado, nunca recuperará e vai à sua ruína.

A Bíblia predisse estes acontecimentos apocalípticos que hoje têm lugar no Líbano. O livro de Cantares relata no capítulo 4, um diálogo poético entre Deus e os seus escolhidos, onde Deus é representado como o Esposo e os escolhidos como a noiva. O Esposo chama a sua noiva para vir ter com ele, não de Israel, mas do Líbano. Cito excertos da mesma, comentando-os de passagem. Este é o Noivo a falar:

«Sois todos lindos, meus queridos e imaculados

(ela foi purificada pelo teste)

Venho do Líbano, minha noiva,

Vem do Líbano, faz a tua entrada. Os teus lábios, minha noiva, destilam o mel.

(porque ela falava segundo Deus. Ela disse a palavra profética: «NÃO» a Israel)

E o perfume das tuas vestes é como o perfume do Líbano: ela é um jardim fechado, a minha irmã, a minha noiva. Um jardim fechado uma fonte selada Uma fonte que torna os jardins frutíferos Um poço de água viva, um riacho que desce do Líbano.

(A fonte selada recorda o Livro do Apocalipse, um livro selado com sete selos, como diz o livro do Apocalipse no capítulo 5, mas aberto por Jesus no Líbano para revelar que Israel é o Anticristo. Este livro torna-se uma fonte que torna os jardins frutuosos, ou seja, ilumina os eleitos; um riacho que desce do Líbano, este riacho é o rio da vida de que o Apocalipse fala no capítulo 22).

Levantar, ventos do norte. Vamos lá, ventos do sul. Sopra no meu jardim para que destile as suas especiarias.»

Ventos impetuosos e tempestades violentas sopraram o Líbano de norte a sul para que o aroma da sua resistência contra Israel se espalhasse por todo o mundo. Prestemos portanto homenagem aos nossos irmãos xiitas, os dignos filhos de Fátima, merecidos pela sua luta contra o Anticristo, que Maria, a Virgem Mãe de Cristo, apareceu em 1917 na cidade de Fátima em Portugal, para atrair os olhos do mundo para os seus filhos, os valentes combatentes xiitas, os combatentes xiitas filhos de Fátima, os combatentes xiitas do Sul do Líbano que conseguiram, pela sua vigilância, expulsar os soldados sionistas.

Pela sua feroz resistência contra os israelitas, pelo sangue que derramaram abundantemente, generosamente, sem contar o custo, os descendentes de Fátima permitiram que os apóstolos dos últimos dias continuassem a sua missão, para que o conhecimento de Cristo Jesus pudesse mais uma vez espalhar-se pelo mundo como especiarias que dão vida, como um perfume benéfico, esse conhecimento que foi eclipsado e distorcido apenas por pouco tempo pelos negadores de Jesus.

Estes pagãos sionistas estão hoje a ocupar a Palestina e estão a ser expulsos aos nossos olhos, a passos largos, do sul do nosso Líbano.

O papel espiritual do Líbano, o seu testemunho contra o Anticristo, foi profetizado por Isaías no capítulo 29,17-18 onde diz: «O Líbano tornar-se-á um pomar e o pomar tornar-se-á uma floresta. Então os surdos desse dia ouvirão as palavras de um livro». Este livro é o livro do Apocalipse, que desmascara o Anticristo, Israel, a Besta do Apocalipse, que mesmo aqueles que afirmam ser surdos à mensagem irão ouvir.

Termino as profecias bíblicas sobre o Líbano com as palavras proféticas de Ezequiel, que anuncia a Boa Nova do triunfo do Cedro, símbolo do Líbano, que será plantado por Deus no Monte de Israel. Imagine que é a bandeira libanesa em que aparece o Cedro que é plantado nos altos picos das montanhas de Israel Ezequiel diz de facto no capítulo 17:22-24:

«Assim diz o Senhor DEUS, eu tomarei do alto do Grande Cedro, do mais alto dos seus ramos, recolherei um ramo, e eu próprio o plantarei numa montanha muito alta, na alta montanha de Israel o plantarei. Vai desenvolver ramos e dar frutos. Vai tornar-se belo. Todos os tipos de aves habitarão debaixo dela, e todas as árvores do campo saberão que fui eu o Senhor que humilhei a árvore alta (Israel) e que exaltei a árvore humilde (Líbano), que secei a árvore verde (Israel) e que tornei a árvore seca verde novamente (Líbano). Eu, Yahweh, tenho dito, eu digo».

Queríamos ouvir o que a Bíblia diz sobre Israel. Relatei o que a Bíblia também disse sobre o Líbano. Que os israelitas e os seus amigos, que afirmam acreditar na Bíblia, se armem de sabedoria e ouçam o que Deus, na Bíblia, diz sobre o Líbano, o que o Espírito diz às igrejas, como diz o Apocalipse. Pois chegou o momento de abrir os livros, e que os homens devem ser julgados de acordo com o conteúdo desses livros. Portanto, que todos ouçam, mesmo os surdos!

6. Conclusão

No final desta conferência, o que devemos concluir? Que atitude deve ter o homem que acredita na Bíblia em relação a Israel? Afirmamos que o compromisso lógico de todo o verdadeiro crente é inspirado pela recusa de Israel, o «Não a Israel».

Vimos que a Bíblia no Antigo Testamento condena o Estado de Israel. O Novo Testamento, por sua vez, convida os verdadeiros seguidores de Cristo, aqueles que se agarram ao testemunho de Jesus, a erguer-se contra os seus negadores.

Alguns dos chamados cristãos, contudo, condenam aqueles que pegam em armas para se defenderem contra a violência de Israel, pelo simples facto de portarem armas. Esquecem, estes pseudo-cristãos, as guerras das Cruzadas e todas as guerras feitas pelo mundo ocidental, o mesmo mundo que hoje está armado até aos dentes. E, paradoxalmente, enquanto se armam, os cristãos não hesitam em condenar aqueles que se armam para se defenderem contra o invasor e usurpador israelita.

Finalmente, quero lembrar-vos do que o Profeta Maomé disse, para que o compromisso contra o Anticristo possa ser inspirado por fontes judaicas, cristãs e muçulmanas. Ele disse que quando o Anticristo aparecer, é Jesus que, juntamente com os Seus escolhidos, se levantará para lutar e derrotá-lo.

Agora, aqueles que lutam hoje contra o Anticristo são os xiitas, os dignos filhos de Fátima e os descendentes dos seus filhos, Hassan e Hussein. Todos nós que temos o discernimento divino para reconhecer e combater o Anticristo, Israel, somos todos filhos de Hassan e Hussein. E como é Jesus que, no fim dos tempos, se levanta para lutar contra Israel, todos nós somos Jesus de Nazaré que trava a sua guerra de justiça contra o inimigo que o nega.

Bem-aventurados aqueles que respondem ao chamado divino juntando-se ao «Casamento do Cordeiro», aquela festa divina durante a qual Deus nos convida, de acordo com a expressão do Apocalipse capítulo 19:17-18, a comer a carne dos líderes sionistas e pró-sionistas.

Copyright © 2026 - Pierre2.net - All rights reserved.